

Repensando o Brasil



» MARCELLO AVERBUG
Consultor econômico,
trabalhou no BID, economista
aposentado do BNDES

Desde meados do século 20, predominou entre os brasileiros a certeza de que o país caminhava em direção ao desenvolvimento econômico, social e político. Hoje, existem sinais de que, em significativa parcela da população, tal certeza vem esmorecendo. Torna-se oportuno, portanto, verificar se a fisionomia do Brasil equivale à de um país acercando-se do privilegiado status há tanto tempo almejado.

Importantes êxitos foram conquistados pela economia brasileira ao longo do tempo, tais como: expressivo setor industrial, sofisticado sistema financeiro, dinâmicos ramos da agropecuária e apreciável atividade exportadora. Porém, ainda não ingressamos no clube dos desenvolvidos. Cabe, então, avaliar a natureza do crescimento ocorrido historicamente, o que pode ser realizado observando-se alguns indicadores da realidade nacional. Começemos com a dimensão do PIB, o Produto Interno Bruto.

Nós brasileiros nos envaidecemos pelo fato de o PIB nacional ser um dos maiores do mundo, oscilando em torno do décimo lugar. Porém, essa classificação, por si só, é insuficiente para provocar

júbilo, pois não permite auferir o verdadeiro cenário de uma nação. O que interessa é a excelência do padrão de vida predominante. No Brasil, a persistência de profundos desequilíbrios econômicos, sociais e regionais ofuscam o brilho do décimo lugar.

Países da Europa Ocidental que exibem os melhores níveis mundiais de qualidade de vida ocupam lugar pouco relevante na escala de tamanho do PIB. Por exemplo: Dinamarca, 39º; Noruega, 32º; Suécia, 24º; Suíça, 20º. Evidentemente, esse fato é condicionado pela relação entre o pequeno número de habitantes locais e os respectivos PIBs.

No referente ao valor da renda per capita, a posição do Brasil na escala internacional retrocedeu, conforme demonstram dados do Banco Mundial: em 2003, ocupávamos a 70ª posição, caindo para a 85ª em 2023. Em outras palavras: a renda média dos brasileiros cresce menos do que a do conjunto dos demais países.

Pinçando outro aspecto da realidade nacional, verifica-se que a produtividade da economia dos membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é mais de três vezes superior à do Brasil, conforme aponta o texto Indicadores Quantitativos da OCDE e o Brasil - IPEA 2023. Mediante esse dado, percebe-se a dimensão do esforço a ser empreendido pelo nosso país para atingir o nível de competitividade compatível com suas aspirações de grandeza.

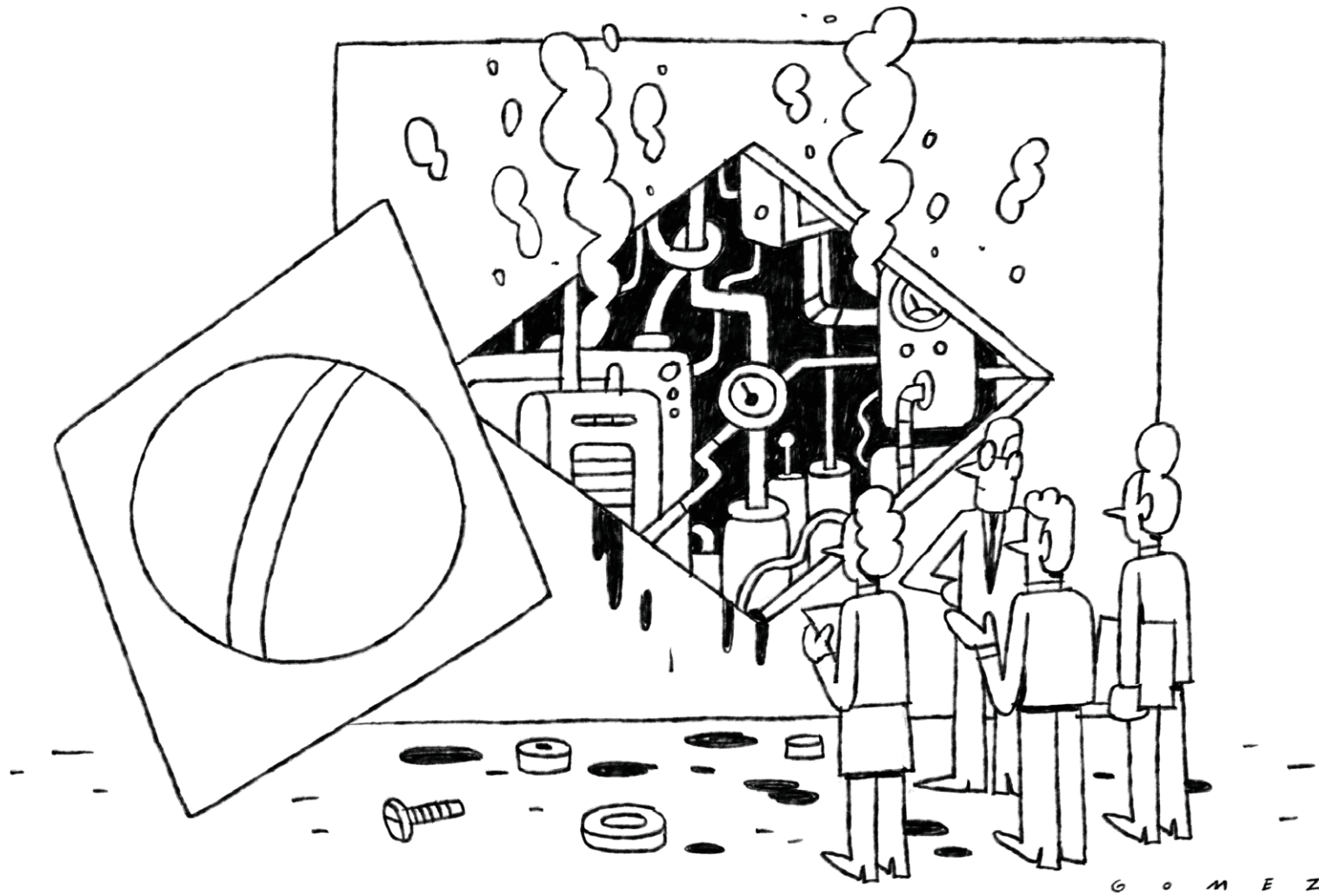
Na esfera dos indicadores sociais, ocorreram algumas melhorias modestas, entre as quais a diminuição da taxa de pobreza absoluta. O panorama permanece insatisfatório em itens como saneamento básico, mortalidade infantil,

analfabetismo funcional, sistema público de saúde, segurança alimentar, qualidade do ensino, déficit habitacional e vários outros indicadores.

Quanto ao grau de concentração de renda, a acentuada inequidade cristaliza um cenário adverso à ascensão econômica e social do país. Enquanto aos 10% mais ricos couber uma fatia da renda nacional quase três vezes maior do que a usufruída pelos 50% da base da pirâmide populacional, o Brasil não conseguirá mudar seu destino. Segundo a Fundação Getúlio Vargas, entre 2017 e 2022 o aumento de renda dos 1% mais ricos foi de 67%, enquanto o de 95% da população foi de 33%, a preços correntes.

Em face do exposto anteriormente, conclui-se que a trajetória até agora trilhada não vem conduzindo o país ao status ambicionado ou então impõe um período de alcance inconvenientemente longo. E ambas as alternativas são inaceitáveis. O que também justifica preocupação é a atual inexistência de lideranças políticas capazes de conceber caminhos eficazes para o Brasil ingressar em um autêntico e duradouro processo de prosperidade econômica e social. A atual carência de figuras públicas de nível elevado chega a ser dramática.

Apesar do conteúdo nada eufórico dos parágrafos anteriores, este artigo não apregoa o “Adeus às ilusões”. Pelo contrário, pretende, sim, contribuir para conscientizar a sociedade brasileira quanto ao fato de que o país dispõe de requisitos que não justificam conformismo ante o desempenho vivenciado até hoje. Afinal, são raras as nações possuidoras do seu acervo de fatores propensos ao desenvolvimento.



Saúde no DF: uma radiografia da insatisfação persistente



» ANA MARIA NOGALES
E LUCIO RENNÓ
Professores da Universidade de
Brasília (UnB) e pesquisadores
do ObservaDF

A saúde continua sendo apontada como o principal problema para aproximadamente metade da população do Distrito Federal e se mantém como a área mais mal avaliada do governo, sem demonstrar sinais de melhora. Uma pesquisa recente do ObservaDF (<https://observadf.unb.br/pesquisas/>), realizada em abril de 2025 com 1.000 entrevistas em 29 regiões administrativas (RAs), corrobora essa preocupação, revelando um panorama de insatisfação persistente e, em alguns aspectos, agravada em comparação com um estudo similar de 2022.

Apesar da maioria dos entrevistados declarar-se saudável, essa percepção de bem-estar diminui consideravelmente entre aqueles que residem em áreas de baixa renda e não têm plano de saúde. Apenas 31% dos entrevistados no DF possuem plano de saúde, e essa proporção despensa para 20% nas regiões mais pobres, evidenciando uma cobertura privada inferior entre os mais vulneráveis.

Essa vulnerabilidade se reflete diretamente na ausência de cuidados preventivos: 52,1% das pessoas não realizaram um checkup médico no último ano, sendo que esse percentual é ainda maior (55,8%) entre os mais carentes e sem plano

de saúde. Tendências análogas são observadas em consultas odontológicas (47,4% não foram ao dentista) e na prática regular de exercícios físicos (40,9% não realizam atividades regularmente), com percentuais mais altos nas RAs de baixa renda e entre os sem plano de saúde. Esses dados sublinham as profundas desigualdades sociais que impactam diretamente a saúde da população do DF.

O sistema público de saúde no Distrito Federal é amplamente utilizado, com 75,5% das famílias tendo procurado algum serviço no último ano. As Unidades Básicas de Saúde (UBS) são as mais buscadas, com 63,9% de uso. As UBS se destacam positivamente na vacinação (71,8% de avaliações favoráveis), na atuação de enfermeiros e nas farmácias. No entanto, a marcação de consultas é o principal ponto negativo, criticada por 37,7% dos usuários. Médicos, em geral, recebem avaliações negativas, mas aqueles que atuam nas UBS são mais positivamente avaliados.

As Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) são bem avaliadas pela estrutura física, mas severamente criticadas pelo longo tempo de espera (67% de avaliações negativas). Por outro lado, os hospitais públicos recebem avaliações majoritariamente negativas, com queixas concentradas em longas filas para emergências, exames, atendimento ambulatorial e, alarmantemente, cirurgias. Apenas a proximidade de casa e o atendimento de emergência nos hospitais têm avaliações relativamente positivas.

Profissionais como enfermeiros e agentes comunitários de saúde (ACS) são consistentemente melhor avaliados do que as instituições (UBS,

UPAs e hospitais) e médicos, que registram altos níveis de insatisfação. As avaliações negativas, especialmente entre a população de baixa renda, se mantiveram ou pioraram em relação a 2022, indicando uma clara deterioração na qualidade do atendimento. As principais queixas espontâneas da população são: mau atendimento dos servidores (26%), filas nos prontos-socorros (14%) e falta de médicos (12,8%). Outras queixas relevantes incluem demora para tratamento, má gestão e falta de medicamentos.

Um achado interessante da pesquisa é que ter recebido visita de um agente comunitário de saúde (ACS) ou estar em programas como a Estratégia Saúde da Família (ESF) tende a melhorar a percepção sobre o sistema, especialmente sobre enfermeiros e UBS, embora a insatisfação com hospitais persista. A inclusão em programas de atenção primária, como a ESF, e o recebimento de visitas do ACS melhoram as percepções sobre o funcionamento geral do sistema.

Em resumo, o sistema público de saúde do Distrito Federal é um pilar essencial e amplamente utilizado, principalmente pelas camadas mais vulneráveis da população. Contudo, enfrenta altos níveis de insatisfação, com críticas consistentes voltadas à má qualidade do atendimento, às longas filas e à escassez de médicos. O ObservaDF, com este estudo detalhado, busca contribuir para o aprimoramento da atenção à saúde no Distrito Federal, evidenciando os principais “gargalos” e os aspectos de insatisfação da população, com a finalidade de subsidiar políticas públicas mais eficazes.

Visto, lido e
ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) //
circecunha.df@dabr.com.br



Florescimento e futuro

Crise histórica e sem precedentes de saúde mental em vários países do mundo, com jovens na faixa de 20 anos ou menos se sentindo muito mais infelizes do que os jovens de décadas passadas. Há um achatamento na tradicional curva da felicidade ao longo da vida. Geralmente, essa curva resultava de divulgação de estudos que relatavam que jovens tendiam a se mostrar com altos níveis de bem-estar. Esses níveis caíam durante a meia-idade e voltavam a subir depois dos 50 anos.

Dados atuais sugerem que essa curva, ou esse padrão, está mudando para pior. Segundo o Global Flourishing Study (GFS), um dos maiores levantamentos sobre esse tema, que contou com cerca de 200 mil participantes de 22 países avaliados durante cinco anos, essa curva tradicional está se achatando. Jovens na faixa de 18 a 24 anos têm apresentado os menores níveis de bem-estar em todos os indicadores. Enquanto isso, as pessoas mais velhas, especialmente acima de 60 anos, são aquelas que estão se tornando mais satisfeitas com a vida. Esse contraste é uma confirmação daquilo que já previam os pesquisadores: vivemos uma crise sem precedentes de saúde mental entre os mais jovens.

Estudo dessa natureza e profundidade está sendo realizado com base na Teoria do Florescimento, criada pelo psicólogo Martin Seligman, que resume a felicidade não como ausência de problemas, mas, sim, provocada pela presença de aspectos que enriquecem a vida e acabam por produzir um estado de bem-estar psicológico. Segundo Seligman, uma pessoa, para florescer, necessita experimentar emoções positivas, engajamento em atividades também positivas, com relacionamentos interpessoais satisfatórios. Desses elementos resulta o bem-estar psicológico. Com isso, a felicidade não é confundida com mera satisfação com a vida, mas mais ligada ao crescimento pessoal e aos propósitos.

Pesquisas em várias culturas pelo mundo afora mostram que, através de milênios, os povos sempre deram atenção a uma lista de assim chamadas virtudes advindas do caráter: a sabedoria, o conhecimento, a coragem, a humanidade, a justiça, a temperança, na qual se incluem o perdão, a humildade, a prudência e a autorregulação.

Por último, nessa lista de virtudes voltadas ao bem-estar e à felicidade, vem a transcendência, conceito filosófico capaz de situar o indivíduo para além do mundo material e das aparências ou experiências humanas comuns. A transcendência, como fenômeno metafísico, é fundamental para dar o sentido de existência da vida humana, forçando o indivíduo a ir além dos limites, graças a um estado superior de consciência.

Consumimos metade de nossas vidas pensando e divagando, analisando o passado e modelando projetos para o futuro. Nesses pontos complexos, entra ainda a chamada mindfulness, que é a atenção plena ajudada pela meditação, focada em exercitar a parte de nosso cérebro responsável pela mente, promovendo um melhor gerenciamento da vida. Por isso se diz que quem medita é mais feliz e resiliente.

Especialistas em felicidade — sim, eles existem, inclusive há em alguns países um ministério da felicidade, como nos Emirados Árabes Unidos — avaliam que os jovens se mostram cada vez mais envoltos por uma pesada nuvem de infelicidade e apontam o ambiente de alta comparação social como um dos fatores para isso, sobretudo aquele promovido pelas redes sociais. Essa geração também enfrenta um cenário, para dizer o mínimo no caso brasileiro, instável. Eles se deparam com a insegurança no emprego, um aumento assustador no custo de vida, tudo isso embrulhado no papel reciclado de uma crise climática global. Observar o planeta nesses dias de alto poder de comunicação acende sentimentos como a ansiedade e a desesperança.

Talvez por isso, os consultórios de psiquiatria e de psicologia estão cada vez mais cheios de pacientes jovens. Também nunca se venderam tantos medicamentos para transtornos da mente. A continuar nesse achatamento da curva de felicidade humana, o futuro pode ser ainda mais sombrio. Gerações emocionalmente fragilizadas são um perigo para o futuro. Governos, como em nosso caso se sabe, não se interessam por questões futuras, a não ser que esse futuro não avance além das próximas eleições. Sendo assim...

A frase que foi pronunciada:

“Os adolescentes que passam mais tempo em redes sociais são consistentemente menos felizes. Aqueles que passam mais tempo com pessoas ou dormindo são mais felizes.”

Jean Twenge autora de iGen

História de Brasília

O senhor Magalhães foi demitido do DCT de Brasília. Durante toda a sua gestão, o departamento nada apresentou de novo ou de justo para o público. Seus funcionários dormiram ao relento ou em depósito de sucatas. Os contratados não receberam um tostão. Termina, assim, essa gestão. (Publicado em 5/5/1962)